

Famílias invadem área próxima ao Catetinho

DF - invasões

A Polícia Militar acompanha de perto a ocupação e pode ser acionada a qualquer momento para retirar os manifestantes

Uma área à margem da DF-003, em frente ao Catetinho, foi ocupada ontem por um grupo de aproximadamente 600 manifestantes. No entroncamento da rodovia com a estrada que leva ao Gama, à beira do asfalto, barracas de lona foram usadas para abrigar 110 famílias de invasores que protestam contra a política de moradia do governador Joaquim Roriz. O grupo faz parte da *Cooperativa dos 10 Anos Excluídos de Moradia no Distrito Federal* (Coop10).

Os manifestantes, que pretendem ficar no local pelo menos até a próxima sexta-feira, usam faixas para pedir lotes. "Moradia não é favor, é direito", reclamam em uma das mensagens. Acompanhados por um carro de som, os invasores reuniram-se na noite de sexta-feira em Ceilândia para formar uma comitiva e rumarem até o acampamento. "Existimos desde dezembro de 1997 e somos 4.658", explicou o presidente da cooperativa, Hildo Evaristo, de 40 anos. "Amanhã (hoje) vai ter muito mais gente aqui", avisa.

Famílias inteiras abrigam-se sob lonas. Entre os manifestantes, cerca de 150 são crianças. Quando não estão tentando proteger-se do sol, elas brincam entre as moitas

de mato que seus pais capinaram à beira da rodovia. Todos se dizem inquilinos, que pagam aluguel há mais de 10 anos. "Queremos, assim, comprovar com documentos que temos direito a lotes", disse o presidente da cooperativa, ao comparar com a exigência de cinco anos de Brasília imposta pelo governo para ter direito a lotes.

POLÍCIA

A duzentos metros das famílias, doze policiais militares acompanham o protesto ao som da batida de martelos e enxadas. "Os manifestantes podem ficar onde estão enquanto não houver a ordem para atuarmos", afirmou o major Esmeraldo de Oliveira Souza, o subgerente do Sistema Integrado de Vigilância e Uso do Solo (Siv-Solo). "Só não os retiramos ainda porque os pais usam as crianças como forma de chantagem", diz o secretário de Comunicação do Governo do Distrito Federal, Welington Moraes. "Não digo quando vai ser a retirada por estratégia."

O presidente da Coop10 avisa que não tem data para o desmonte do acampamento. "Por enquanto, vamos ficar até o dia 8 (sexta-feira), que é quando o governo deve publicar sua política habitacional", anuncia. Ele infor-

mou que o carro de som — uma camioneta com placa de Brasília — foi emprestado pelo irmão, candidato a prefeito no Ceará.

Evaristo, que se apresenta também como presidente do Sindicato dos Trailers, Quiosques e Similares do Distrito Federal, tentou eleger-se deputado distrital em outubro passado pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), mas não conseguiu.

O líder dos cooperados orientou os outros manifestantes para não falar à imprensa. "É para não atrapalhar", justifica uma mulher sob a sombra de uma lona azul. Evaristo tem um pretexto para justificar o protesto: "Colocar iluminação na Invasão da Estrutural é uma afronta a nossa cidadania", diz. "Quem invade, sem critério, é respeitado porque apoiou o candidato que ganhou a eleição", acusa. "Não é ciúme, sentimos que o direito de cidadão foi ferido."

Na madrugada do sábado, o protesto ganhou a atenção da secretária de Habitação do Distrito Federal. Ivelise Longhi esteve durante mais de meia hora no acampamento e conversou com os manifestantes. "Acho a secretária séria, mas ela não tem como atender às cooperativas", reclama Evaristo. "A energia na Estrutural não quer dizer nada", comenta Welington Moraes. "Por que uma pessoa mora numa invasão ela é um bicho?", pergunta o secretário de Comunicação. "A retirada é um processo, um problema que está sendo administrado", conclui.